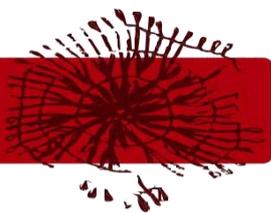


APRESENTAÇÃO

Na tentativa de conjugar reflexões que têm o corpo como centralidade é que veio a constituir-se este dossiê. A nossa primeira indagação foi pensar grupos, movimentos, ativismos, espaços, práticas, leis e normas como fenômenos sociais eminentemente ligados ao corpo, à corporalidade. Em que medida o corpo se torna o lugar privilegiado de assujeitamentos, docilizações, mas também protestos, agenciamentos e resistências. Se nas ciências humanas e sociais o corpo apresenta-se como um constructo social que é perpassado tanto por questões de ordem políticas quanto simbólicas, há de se refletir sobre os sentidos que ele constrói e, ao mesmo tempo, é construído. Deste modo, ao pensarmos o corpo a partir dos dispositivos de controle (corpo objeto, abjeto, dejetivo) ou, ainda, dentro de um paradigma desconstrucionista e des-essencializador (corpo sujeito), o desafio foi percebê-lo, sobretudo, como um produto e um produtor de cultura. Ele é o lócus por excelência do engendramento das tessituras de significação, das redes de discursividade, das estratégias de governamentalidade e dos dispositivos de um biopoder/biopolítica.

A noção que amparou este dossiê foi a de fragmentos, de bricolagem, de mosaicos. Os “corpos” aqui apresentados, a partir de várias perspectivas teórico-metodológicas, de variados cenários, contextos culturais e espaciais, recortes e pontos de vista, falam de um lugar de polifonia, de multiplicidade, de fragmentação. Como nos aponta Deleuze, há de se pensar um corpo sem órgãos (CsO), um corpo sem pré-texto, sem compartimentalizações, um corpo aberto às múltiplas possibilidades de experiências, atravessamentos, experimentações e sensações. Sem ignorar os dispositivos de poder, a pesada artilharia da violência político-institucional, as tentativas de normalização dos sujeitos e seus corpos, a biopolítica que se busca estabelecer sobre os corpos femininos, LGBTs, negros e indígenas, por meio de regimes de verdade, há de se atentar para o caráter político e subversivo deles.

A luta do corpo negro, que resiste ao racismo institucionalizado; do corpo indígena, que de inúmeras formas, como também por meio de sua cosmologia, resiste à violência das políticas de não reconhecimento de suas práticas culturais e do seu território (reiteradamente negado); do corpo de LGBTs, que apesar da violência homofóbica encontra estratégias para existir e resistir; do corpo feminino e racializado,

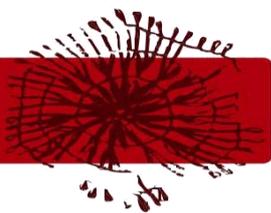


que, instrumentalizado, violado e violentado, teima em dizer não à violência e luta pelo direito ao próprio corpo. Enfim, todas estas corporalidades, e muitas outras que também teimam em re-existir, que resistem a serem nomeadas, rotuladas, enquadradas, encontram no próprio corpo um espaço *sine qua non* para a resistência, a denúncia, o protesto e a resignificação.

É a partir desse mote que os artigos aqui presentes podem ser lidos.

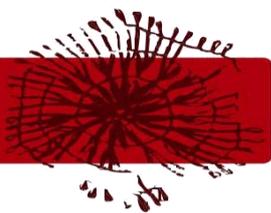
O que falar sobre corpos em transformação? *Guilherme Rodrigues Passamani* (UFMS), ao problematizar a relação entre homossexualidade, envelhecimento e memória, nos apresenta o modo como o corpo é apropriado e significado por pessoas mais velhas com condutas homossexuais. Entre memórias de um tempo áureo e a constatação da decrepitude, em decorrência de processos de adoecimento e debilitação do corpo, diferentes sujeitos encontram estratégias distintas de re-significação de sua corporalidade. Já *Lauriene Seraguza* (PPGAS/USP), a partir de seu trabalho de campo realizado com os Guarani-Kaiowá e em estreito diálogo com o perspectivismo ameríndio, reflete sobre o modo como excessos, poderes e perigos são aspectos fundamentais para a produção do corpo e da pessoa kaiowá. É por meio de fluidos, rezas, cantos, alimentos e interditos que tanto corpos quanto alteridades são plasmados, e a vida social estabelecida. Nesse mesmo movimento, *Júnior José da Silva* (PPGAnt/UFMG) e *Grazielle Acçolini* (UFGD), por meio de análise do ritual de nomeação entre os índios Bororo, bem como de ritos funerários, refletem acerca dos modos como a noção de corpo e pessoa é constituída mediante uma complexa linguagem simbólica em torno da decoração e exibição do corpo. Para além de um corpo-sujeito, não seria um corpo-social que também se constitui? *Adriana Werneck Regina* (PPGAS/UFSCar), por meio da mitologia dos Panará, povo do grupo jê setentrional, apresenta como a noção de corpo ali se expressa. Afinal de contas, diante de um cenário cosmológico, no qual se relacionam humanos e animais, seria possível falar em uma animalidade no humano ou em uma humanidade no animal?

O que dizer de um corpo biopolítico? *Patricia Rosalba Salvador Moura Costa* (IFSE) reflete sobre a possível relação entre sexualidades, gêneros e corpos. A partir da análise sociológica de processos judiciais, a autora problematiza o modo como se articulam os discursos institucionais que conectam crimes sexuais, homossexualidade,



homofobia familiar e justiça na cidade de Aracaju, na década de 1990. Já *Esmael Alves de Oliveira* (UFGD) e *Tiago Duque* (UFMS), a partir de uma perspectiva foucaultiana, refletem sobre os pressupostos presentes no Projeto de Lei (PL) nº 6583/2013, popularmente conhecido como Estatuto da Família. Assim, ao identificarem uma política do corpo e da vida a partir do discurso institucionalizante do PL, buscam refletir sobre os limites, as contradições e arbitrariedades de um regime de verdade, que, pautado em noções de direito e cidadania, tende a desqualificar, invisibilizar e deslegitimar sujeitos, corpos, suas práticas e suas relações. *Conrado Satler* (UFGD), também se inspirando em Michel Foucault, debruça-se sobre os “corpos hospitalizados”. O autor, por meio de sua atuação no Hospital Universitário (HU), analisa de que modo as práticas clínicas, longe de significarem uma atuação “neutra” e “objetiva”, constituem-se como lócus privilegiado da produção de corpos docilizados e de relações de poder que criam comportamentos hierarquizados. Por sua vez, *Raquel Mombelli* (UFSC) e *Marcos Farias de Almeida* (MPF/SC), após análise de um processo judicial envolvendo uma mulher negra e quilombola, colocam em evidência o modo como argumentos de vieses injuriosos e afirmações de caráter racista são construídos e reiterados nos processos administrativos e jurídicos e, deste modo, acabam por revelar a lógica do racismo institucional que os operam.

E o que pensar a partir de um corpo estético? *Augusto Marcos Fagundes Oliveira* (UESC), a partir de uma análise da estética da Missa dos Quilombos e da Terra Sem Males, busca pensar as tensões, metamorfoses e porosidades de uma corporalidade que resiste, que luta e que ressignifica o dogmatismo religioso. *Marcos Aurélio da Silva* (UFMT), por sua vez, reflete sobre as relações entre corpo e cinema. A partir da noção “corpo no cinema”, o autor busca, ancorado na perspectiva antropológica, pensar sobre o modo como os corpos são construídos e representados nos Festivais de filmes da diversidade sexual e de gênero. *Carolina Erika Santos* (UFBA), por meio do projeto “Na aba do meu chapéu” e inspirando-se em Debord, Deleuze e Guattari, reflete sobre a articulação entre corpo e cidade, entre corporalidade e espaço urbano. Para além da frieza das edificações urbanas, do anonimato das grandes cidades, da indiferença presente na vida urbana, a autora propõe uma reflexão acerca de experiências corporais que podem tanto transmitir afetos quanto criar outros modos de significação. Por sua



vez, *Roberto Murilo Xavier Reis* (PPGAS/UFG), tomando como foco o *butô*, dança-teatro japonesa, reflete sobre o modo como o corpo performatizado é constituído e transpassado por elementos de ordem simbólico-ritual.

Na sessão entrevista, Grazielle Dainese e Lauriene Seraguza dialogam com a antropóloga Luisa Elvira Belaunde Olschewski. Atualmente, Luisa é professora-adjunta no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Antes de sua vinda ao Brasil, trabalhou em diferentes instituições estrangeiras (University of Durham, University of Saint Andrews, ambas localizadas na Grã-Bretanha, e Universidad Mayor de San Marcos, situada no Peru). Suas pesquisas são voltadas para o universo das populações indígenas amazônicas, mais precisamente sobre os Airo-Pai, povo de língua Tukano-Occidental, habitantes da fronteira entre Peru, Equador e Colômbia. Nesta conversa, Luisa nos fala sobre sua trajetória em diferentes instituições e países, sobre sua produção acadêmica, especificamente sobre os temas gênero, corpo, substância, arte indígena e conhecimento, e também sobre as diferentes possibilidades do fazer antropológico quando confrontado com contextos acadêmicos e a militância com os povos indígenas.

Por fim, a resenha da obra de Michel Foucault, “O corpo utópico, as heterotopias” encerra esse número da revista com reticências, à medida que as costuras tecidas por Simone Becker tanto potencializam os diálogos entre noções *foucaultianas*, *nietzschianas* e *deleuze-guattarianas*, quanto toca nas providenciais questões macrossociológicas do contexto político brasileiro atual.

Enfim, além de contribuir com a socialização das reflexões contemporâneas sobre o corpo, esperamos que a leitura deste dossiê possa ser instigante e, ao mesmo tempo, que sirva de estímulo para outros trabalhos que busquem dar visibilidade aos ditos, malditos e não-ditos de um corpo político e poético, a partir de uma linguagem que, além do esqueleto, tenha tanto carne quanto sangue.

Esmael Alves de Oliveira
Debora Breder Barreto
Augusto Marcos Fagundes Oliveira (Orgs).